

Orixás em papel: Mãe das águas

zine construído sob a experiência da imagem ancestral

Niedja de Oliveira Barbosa

Universidade Federal de Pernambuco | Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

Orixás em papel: Mãe das águas

zine construído sob a experiência da imagem ancestral

Niedja de Oliveira Barbosa

Recife, 2024.



Orixás em papel: Mãe das águas,
zine construído sob a experiência da imagem ancestral

Niedja de Oliveira Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Design do Centro de Artes
e Comunicação da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Isabella Aragão

Recife, 2024.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barbosa, Niedja de Oliveira.

Orixás em papel: Mãe das águas, zine construído sob a experiência da
imagem ancestral / Niedja de Oliveira Barbosa. - Recife, 2024.

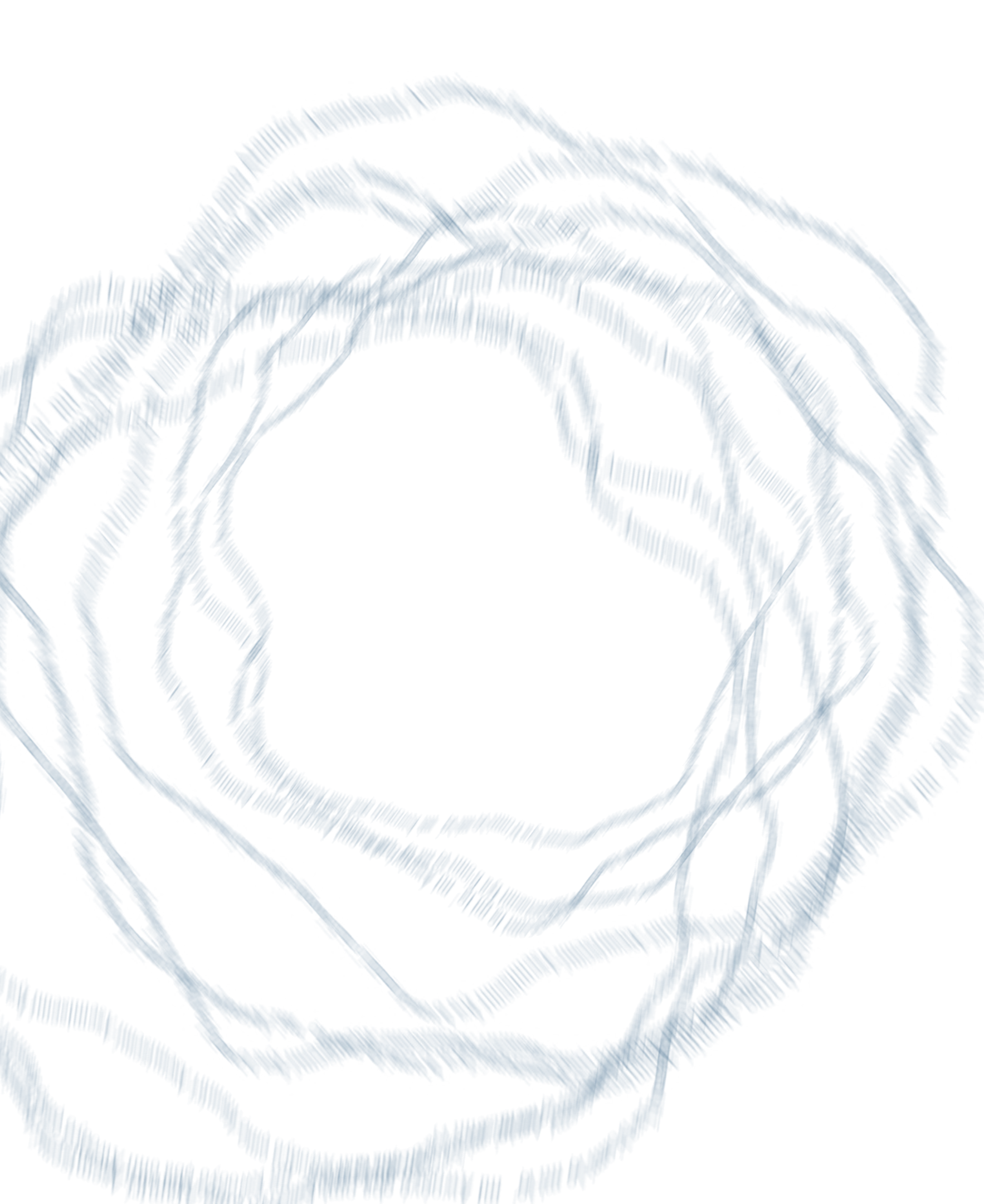
56 p. : il.

Orientador(a): Isabella Ribeiro Aragão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2024.

1. Design Editorial. 2. Experimentação Gráfica. 3. Zine. 4. Candomblé. 5.
Iemanjá. I. Aragão, Isabella Ribeiro. (Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)



Aprovado em: 14/03/2024

BANCA EXAMINADORA

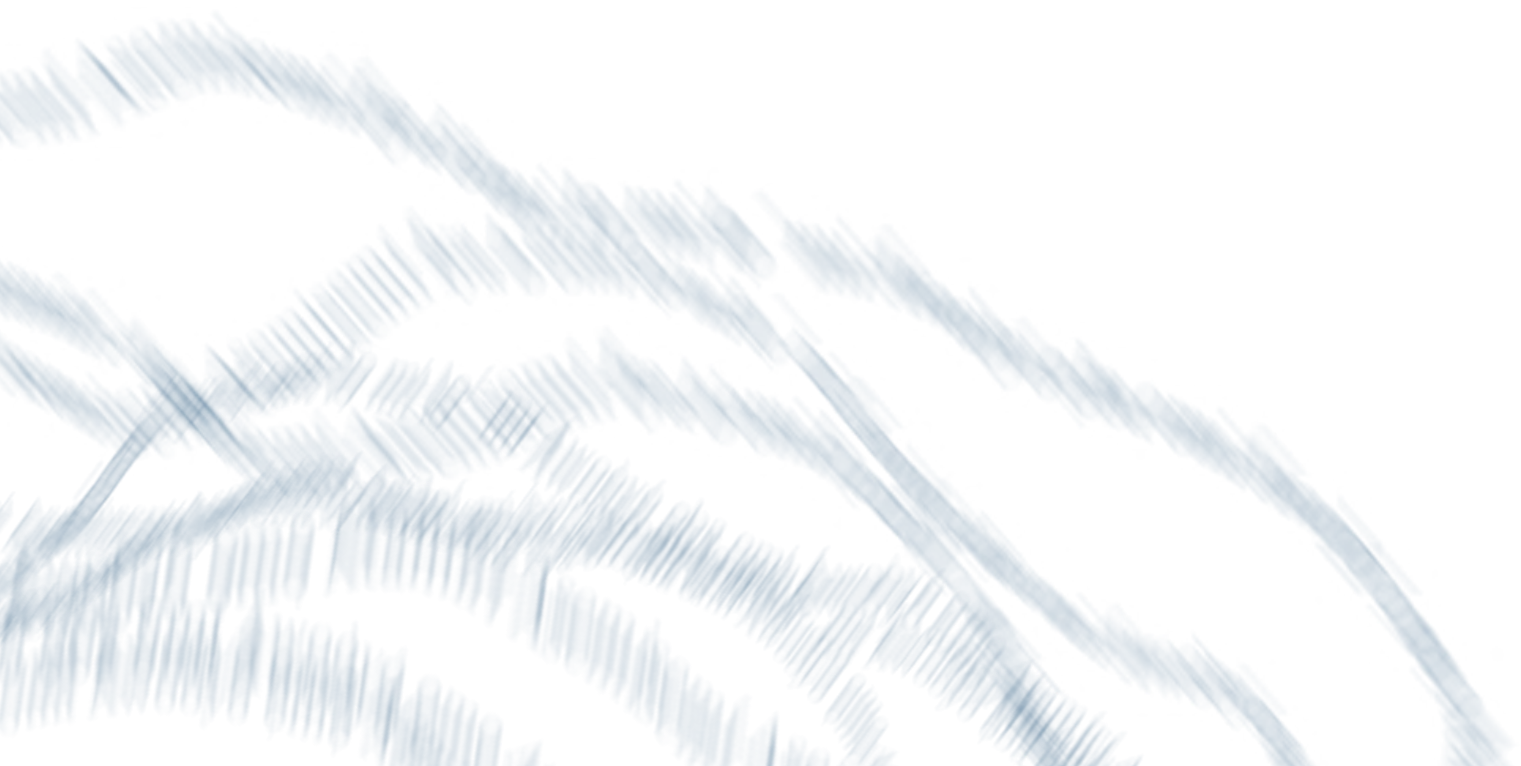
Prof. Isabella Ribeiro Aragão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Hans da Nóbrega Waechter (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Luciana Gama (Examinadora Externa)

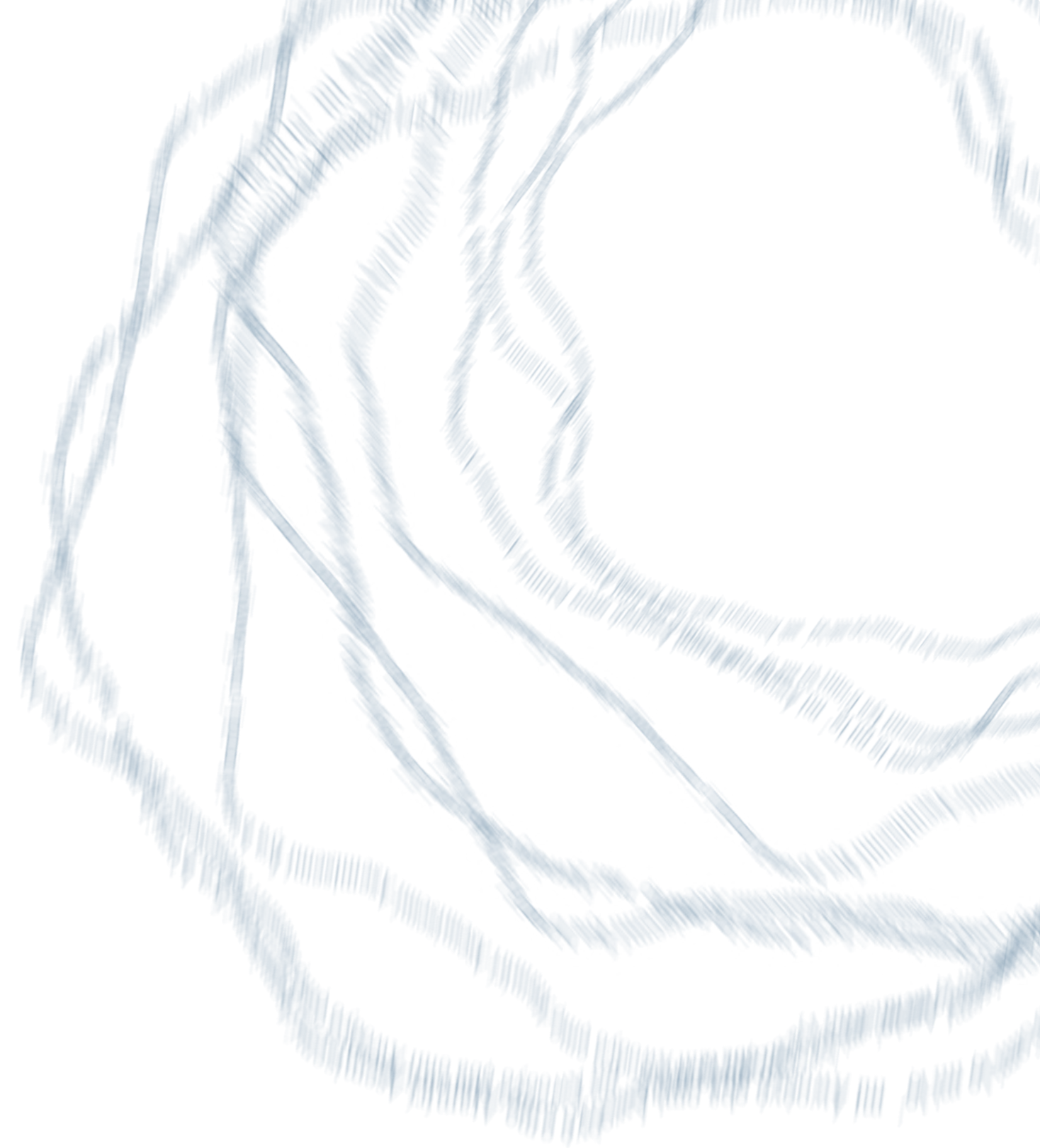
Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão em primeiro lugar à professora Isabella Aragão, pois sua crença na viabilidade deste projeto foi fundamental para que ele se concretizasse. Agradeço imensamente ao meu parceiro de vida, Manoel Malaquias, por todo seu apoio e constante incentivo. À minha filha, que está prestes a chegar, minha maior fonte de motivação para concluir este projeto. À minha mãe, Nadja, por me dar a vida e me encorajar a enfrentar o mundo. À minha mãe de santo, Thatiane, por ser a ponte entre mim e Iemanjá, e por me permitir fazer parte de sua casa. E a Iemanjá, minha guia, por me acolher em suas águas, cuidar da minha cabeça e ser a esperança que me impulsiona a seguir em frente.



Resumo

O trabalho proposto é uma investigação que explora a interseção entre expressão artística e espiritualidade, focando na deusa do candomblé, Iemanjá. O objetivo principal é produzir um zine que simbolize os sentimentos pessoais em relação a essa orixá, utilizando a experimentação gráfica como meio de expressão. O zine foi escolhido como formato devido à sua história como uma forma de expressão autoral e alternativa. O projeto envolveu investigação teórica e prática sobre Iemanjá no candomblé, resultando em um zine que não apenas reflete os sentimentos pessoais em relação a Iemanjá, mas também serve como uma expressão gráfica conectada à vivência espiritual da autora.





Abstract

The proposed work is an investigation that explores the intersection between artistic expression and spirituality, focusing on the goddess of Candomblé, Iemanjá. The main objective is to produce a zine that symbolizes personal feelings in relation to this orixá, using graphic experimentation as a means of expression. The zine was chosen as the format due to its history as a form of authorial and alternative expression. The project involved theoretical and practical investigation into Iemanjá in Candomblé, resulting in a zine that not only reflects personal feelings towards Iemanjá, but also serves as a graphic expression connected to the author's spiritual experience.

Sumário

Introdução 18

Contextualizando 19

Por que um zine? 20

Por que Iemanjá? 21

Sobre Experimentação 22

Construção do Zine 23

Pesquisa de referências teóricas e práticas 23

Referente ao Candomblé 23

Referente ao Terreiro 24

Referente ao Zine 29

Seleção e organização do conteúdo a ser aplicado 33

Estruturação das páginas 39

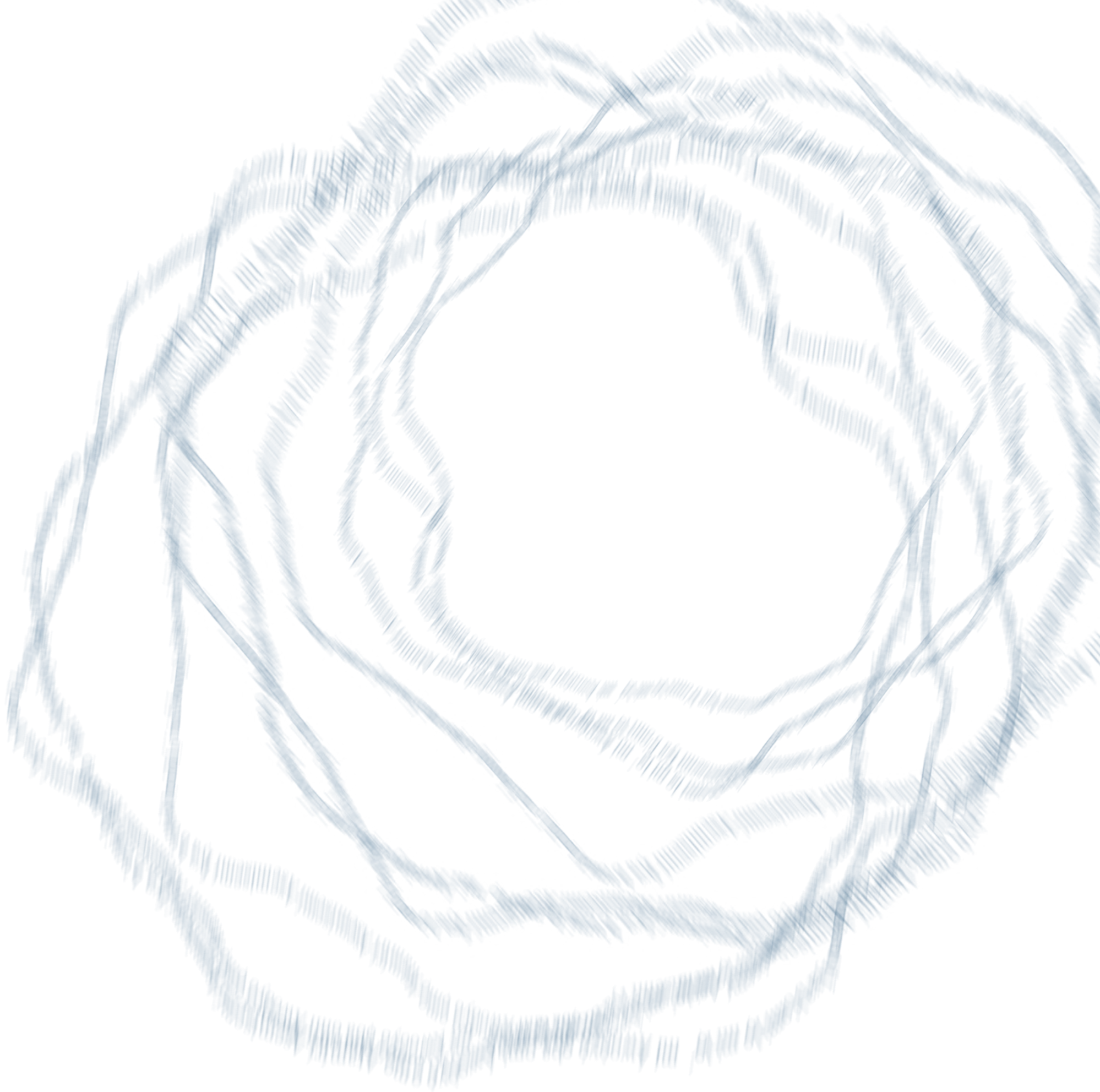
Experimentações gráficas 40

Feedback 42

Produção da versão final para impressão 43

Considerações Finais 53

Referências Bibliográficas 55



Introdução

A interseção entre expressão artística e espiritualidade revela-se como um campo fecundo para a investigação das complexidades da condição humana. Neste TCC me propus a produzir um zine, resultante da experimentação gráfica, como uma manifestação concreta do sentimento pessoal em relação à deusa do candomblé, Iemanjá. Este projeto busca não apenas explorar a expressividade gráfica, mas também traduzir em um meio físico as diversas sensações e simbolismos que a orixá evoca.

Martins (2021) discorre sobre a intrínseca relação entre manifestações culturais e a construção de identidades individuais e coletivas. A autora destaca a importância das práticas culturais, sejam elas visuais, sonoras, ou cinéticas, na expressão da visão de mundo que molda as sociedades. As manifestações artísticas emergem como portadoras de saberes, filosofias e estéticas que permeiam todos os aspectos da vida cotidiana.

Martins (2021) também nos conduz à compreensão da interdependência entre a visão e a escuta, ressaltando que as imagens podem transcender sua qualidade visual, revelando-se também sonoras e cinéticas. Nesse contexto, a experiência estética não se limita ao olhar, mas se estende à escuta das imagens, expandindo não apenas a percepção visual, mas toda a capacidade sensorial. A autora nos leva a refletir sobre a riqueza do universo sensorial, no qual movimentos, sons, luminosidades e aromas se entrelaçam, desenhando paisagens de saberes e configurando um campo propício para as oralituras.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, produzir um zine que traduza o meu sentimento pessoal em relação a Iemanjá, valendo-se da experimentação gráfica como ferramenta de expressão. Os objetivos específicos compreendem a pesquisa de métodos, conceitos e técnicas de experimentação gráfica para a produção de um material capaz de traduzir as sensações vindas dessa energia em um impresso. Além disso, propõe-se a identificação, por meio de estudos teóricos e práticos (no terreiro de candomblé), dos elementos que simbolizam Iemanjá, possibilitando uma maior imersão no tema.

Contextualizando

Quando iniciei o curso de design, carregava comigo algumas frustrações acadêmicas não concluídas. A imposição de ingressar imediatamente na faculdade após o término do ensino médio muitas vezes desconsidera processos individuais que demandam um tempo específico para cada pessoa. A descoberta da área de design foi um alívio, marcada por uma emoção intensa ao assistir uma apresentação sobre livros artesanais, numa palestra oferecida no Conecta - Semana Acadêmica de Design, em 2017. A partir desse momento, a área editorial e tipográfica se destacou, tornando-se um marco significativo ao longo das disciplinas cursadas, nas quais busquei explorar todas as áreas para definir com segurança meu caminho.

Antes mesmo de ingressar no curso, a cultura afro-brasileira já exercia forte influência em minhas referências artísticas e culturais, apesar de estar distante de minha realidade cristã da época. Morando no nordeste do Brasil, onde essa cultura é particularmente enraizada, utilizei-a como objeto de estudo em alguns projetos durante minha trajetória acadêmica. Ao mergulhar efetivamente na religião afro-brasileira, ela deixou de ser apenas um aspecto sócio-cultural para se tornar uma experiência pessoal, especialmente ao observar as entidades presentes e a diversidade de sensações que cada uma evocava em mim.

O desejo de conectar minhas vivências acadêmicas com minha realidade pessoal levou-me a pensar em como traduzir intensos sentimentos do candomblé em uma produção acadêmica, especialmente no âmbito do design editorial artesanal, que me toca profundamente.

Nessa perspectiva, Suzana Martins descreve a dança de Yemanjá Ogunté, ressaltando a conquista dos lugares que a dança instala nos giros e balanços. O movimento específico executado por Yemanjá Ogunté, ao girar sobre o eixo da coluna com um alfanje na mão direita, é interpretado como uma delimitação de espaço, uma advertência aos inimigos para que não avancem (MARTINS, 2008).

Essa conexão entre meu percurso acadêmico e as profundezas do candomblé tornou-se uma jornada de autodescoberta e expressão, na qual o zine proposto se configura como a materialização de uma experiência única e pessoal em meio à rica tradição cultural e espiritual afro-brasileira.

Por que um zine?

O termo "Fanzine", proveniente da junção de palavras em inglês que significam "revista de um fã", abreviação de "Fanatic Magazine" (PORTEZANI, 2018), remete a uma forma única de expressão editorial. O zine, enquanto veículo, representa um exercício de autonomia e criatividade, englobando todas as etapas, desde a concepção da ideia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação e distribuição (MAGALHÃES, 1993).

O movimento que deu origem aos zines como uma forma de expressão editorial ganhou destaque nas décadas de 1960 e 1970, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra. O zine, nesse contexto, evoluiu além de conteúdos fictícios ou literários, transformando-se em ferramentas de comunicação alternativa e resistência, em sintonia com o crescimento de movimentos contraculturais como os hippies, punks e skinheads.

No contexto brasileiro, Portezani (2018) destaca que na década de 1970, em meio à crescente censura e perseguição política durante o regime ditatorial militar, muitos grupos de jornalistas e intelectuais adotaram os boletins como meio alternativo de informação em seus círculos políticos. Essas publicações, frequentemente impregnadas de sarcasmo e ironia, funcionavam como uma forma de resistência ao controle do governo. Contudo, na década de 1990, com a crise econômica no país, observou-se uma diminuição no número de zines, já que eram produções desprovidas de pretensões lucrativas. A retomada do crescimento dessas publicações independentes ocorreu a partir dos anos 2000, impulsionada pela acessibilidade proporcionada pelas novas tecnologias.

É fundamental destacar que o zine, como forma de expressão, permite uma liberdade criativa ímpar, sendo uma plataforma que viabiliza a divulgação de mensagens alternativas, independentes e muitas vezes marginalizadas. Sua produção envolve uma diversidade de habilidades, desde a criação de conteúdo até a materialização física do impresso.

Considerando as características intrínsecas à produção e à história dos zines, a escolha deste formato se revelou como a abordagem mais apropriada para conduzir o presente projeto. A natureza autoral, a capacidade de transmissão de mensagens alternativas e de resistência, aliadas à criatividade inerente aos zines, contribuem para uma expressão única e significativa, especialmente quando vinculada à temática da deusa do candomblé, Iemanjá.

Por que Iemanjá?

Minha escolha por Iemanjá como tema para este projeto vai além de uma mera reprodução artística. Essa deusa, que domina as águas, tornou-se uma expressão da minha própria experiência pessoal, conectando-se à minha vivência e espiritualidade. Inspirada por essa experiência transformadora para mim, decidi traduzir esses sentimentos intensos vivenciados no candomblé.

A religiosidade afro-brasileira, enraizada na rica diversidade cultural do país, incorpora uma vasta panteão de divindades, sendo Iemanjá uma das mais proeminentes. O termo "Yèyé omo ejá" expressa a maternidade dessa orixá, cujos filhos são comparados a peixes. Iemanjá é venerada como a mãe dos orixás e esposa de Òrìsànlá. No Brasil, ela é especialmente reconhecida como a deusa do mar e da água salgada (CARVALHO, 1993).

A popularidade de Iemanjá transcende a esfera religiosa, alcançando diferentes estados do Brasil. Sua festa, comemorada em 2 de fevereiro em paralelo ao Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, congrega devotos, especialmente pescadores e barqueiros, em celebrações que também ocorrem em 8 de dezembro, como aqui em Recife, junto com Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Ao adentrar na complexidade do culto a Iemanjá, deparamo-nos com a "Panela de Iemanjá", um ritual que envolve a preparação de oferendas contendo flores, frutas, perfumes, bilhetes e outros elementos simbólicos. A saída desses presentes, muitas vezes em procissões noturnas em direção ao mar, revela a devoção e o respeito dedicados a essa orixá, destacando sua influência sobre as águas (LINS, 2004). Em Recife, a panela destaca-se como uma obrigação anual, onde diversos terreiros se unem para criar uma imponente panela de barro repleta de oferendas, levada em barcos até alto-mar (LODY, 2006).

De acordo com José de Jesus Barreto (2010), o candomblé baiano preserva o culto aos orixás, sendo Iemanjá uma das divindades mais marcantes. Cada orixá possui características distintas, e os filhos de Iemanjá, influenciados por sua energia, tornam-se protetores, exigentes e, ao mesmo tempo, inclinados à solidão. Os simbolismos culturais e artísticos desta deusa envolvem elementos como a cor azul prateada, refletindo as águas do mar em um dia claro de verão, e suas preferências alimentares, como pata, carneiro e milho branco.

No âmbito da dança e rituais do candomblé, Iemanjá é homenageada com performances que traduzem sua relação com o mar. Coreografias que remetem a gestos de nadar, mergulhar e

lutuar revelam uma conexão íntima com o elemento aquático. A estética aquática se estende às vestimentas, cores e objetos simbólicos utilizados nas danças rituais, transportando os participantes para o universo místico da deusa das águas (SABINO; LODY, 2011).

Sobre Experimentação

A experimentação gráfica digital emerge como uma expressão artística inovadora no cenário contemporâneo, explorando os limites da criatividade e da tecnologia. Este fenômeno reflete não apenas avanços nas ferramentas digitais, mas também uma transformação na maneira como os artistas abordam o processo de criação visual. A experimentação desempenha um papel essencial na produção contemporânea de zines, proporcionando aos criadores uma plataforma inovadora para explorar novas formas visuais e narrativas.

Ellen Lupton (2004) contribui para a compreensão da tipografia experimental e suas possibilidades na era digital. Ao explorar a experimentação tipográfica no contexto da produção de zines, é possível incorporar elementos dinâmicos e interativos, desafiando as normas tradicionais de design em impressos. Lupton (2008) enfatiza a importância de repensar os princípios fundamentais do design gráfico. Na produção de zines, isso se traduz em uma abordagem mais livre e ousada, onde as regras convencionais são questionadas, permitindo a fusão de texto e imagem de maneiras inovadoras.

Paulo Dupon (2013), autor de "A Criação do Zine: do Planejamento à Impressão", oferece conhecimentos valiosos sobre o processo de criação de zines, destacando a importância da experimentação gráfica na concepção dessas publicações independentes. Dupon ressalta como a era digital abriu novas possibilidades, permitindo aos criadores explorar recursos visuais e técnicas de produção antes inimagináveis.

Na produção de um zine, a experimentação gráfica digital pode ser explorada por meio de ferramentas como Photoshop e Illustrator, possibilitando a manipulação de imagens, criação de layouts dinâmicos e experimentação com cores e texturas. A experimentação gráfica digital na produção de zines não apenas transcende as limitações convencionais, mas também se torna uma forma de expressão artística onde posso explorar de forma mais eficiente e prática o que me proponho neste projeto no tempo disponível.

Construção do Zine

Para a realização deste projeto, após consultas com a orientadora para explorar diferentes abordagens, decidimos não adotar uma metodologia pré-estabelecida. Em vez disso, empreguei as ferramentas disponíveis e recorri ao conhecimento e à experiência acumulados ao longo do curso para conceber um processo que se adequasse ao meu contexto presente e aos objetivos traçados. As etapas incluíram: pesquisa de referências teóricas e práticas, seleção e organização do conteúdo, estruturação das páginas, experimentações gráficas, apresentação inicial à comunidade para feedback e revisão, culminando na produção da versão final para impressão.

Pesquisa de referências teóricas e práticas

Referente ao Candomblé

Para iniciar a pesquisa das referências que seriam utilizadas na elaboração do conteúdo do zine, optei por uma abordagem teórica, explorando livros importantes que discutem o candomblé no contexto brasileiro. Para isso solicitei o auxílio do meu parceiro, Manoel Victor Malaquias da Costa, o primeiro ogã alagbe¹ do terreiro Ilé Àṣẹ Vodun Ìyá Omi, onde estou inserida, pois ele possui um acervo significativo de materiais. O ponto de partida foi o livro "Cantos Sagrados do Xangô do Recife", de José Carvalho (1993), devido à sua relevância e à perspectiva do Nagô recifense sobre o candomblé brasileiro. Esse livro me impactou profundamente, pois trouxe a reprodução escrita de uma zoela² que mexe intensamente comigo, despertando o desejo de compreender o seu significado. A pesquisa envolveu uma ampla leitura e coleta de informações não apenas desse livro em particular, mas também de outras fontes igualmente relevantes.

¹. ogã é um cargo no candomblé para homens que não entram em transe, o ogã alagbe especificamente é o cargo que toca os tambores sagrados (atabaques e ilús)

². zoela é como chamamos as canções que são entoadas para os orixás.

Outras obras utilizadas como referência neste momento incluíram "O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos" de Raul Lody (2006), "Danças de matriz africana: antropologia do movimento" de Jorge Sabino e Raul Lody (2011), e "Xangô de Pernambuco: a substância dos orixás segundo os ensinamentos contidos no manual do Sítio de Pai Adão" de Anilson Lins (2004). O último livro é especialmente significativo para mim, pois contém informações coletadas no Sítio de Pai Adão, um terreiro nagô em Pernambuco pelo qual tenho grande respeito. Este terreiro é o primeiro de sua tradição (Nagô) em Pernambuco e mantém suas práticas de forma íntegra resistindo até os dias de hoje.

Ao longo desse processo, busquei reunir informações sobre a prática religiosa em diferentes regiões do país, bem como os elementos culturais específicos associados a cada uma delas. O objetivo era criar uma lista de materiais que fossem coerentes com o conhecimento adquirido por meio da minha vivência pessoal nas experiências no terreiro. Isso porque o candomblé no Brasil é influenciado por uma diversidade de culturas africanas, além de ser moldado por influências regionais e contextuais o que poderia levar a um atrito entre as informações.

Referente ao Terreiro



Figura 1. Brasão do Ilé Àṣẹ Vodun Ìyá Omi

O Ilê Àṣẹ Vodun Ìyá Omi conhecido também como Casa das Águas, de acordo com uma pesquisa realizada por Costa (2018) localiza-se em Cavaleiro, um bairro de Jaboatão dos Guararapes, município da região metropolitana do Recife – PE, em uma região conhecida por Alto da Macaíba. A casa foi fundada por Maria Claudeci, conhecida por Mãe Cláudia de Oxum Wmynarê (in memoriam) em algum momento entre os anos de 1985 e 1988. Em 2017, após seu falecimento, os comandos da casa passaram para as mãos de sua filha consanguínea Elisabete Nascimento (Mãe Betinha de Opará) e de sua neta Thatiane França (Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu). A partir do festejo da Panela de Iemanjá de 2019, os comandos da casa passaram oficialmente para as mãos de Mãe Thatinha, algo que já tinha sido pré-estabelecido por uma questão de herança espiritual da mesma.



Figura 2 . Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu (Foto: Williams Robert)

Em maio de 2021 eu visito o terreiro pela primeira vez para realizar um jogo de búzios com a mãe de santo. Naquele dia, ocorreu uma falta d'água que me mostrou um pouco da essência da comunidade. Testemunhei o trabalho de todos, subindo a escadaria carregando garrafões de água que a mãe de santo providenciou em sua própria casa, pois teriam um evento programado para o dia seguinte. E assim que ela pisou no salão em que se realiza os toques, Iemanjá "passa" e vai embora no peji. Assim que a mãe de santo reaparece no salão, a torneira que estava aberta no aguardo da volta da água, começa a cair. E embora muitos tenham esquecido esse momento, para mim, foi um testemunho poderoso da união entre os filhos da casa, que se uniram em uma missão comum e foram agraciados com a água pela qual trabalharam juntos e do amor dessa grande mãe

Nesse dia, descobri que também sou uma filha de Iemanjá e, a partir daí, me tornei parte daquela comunidade. Em novembro do mesmo ano, fui reconhecida como Ekedy³ da casa, o que me deu a oportunidade de participar mais ativamente de algumas atividades. Mesmo sem ainda ter sido iniciada na religião e com limitações, pude contribuir e me envolver, aprendendo um pouco mais sobre o culto.



Figura 3 . Ekedy Niedja de Oliveira e Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu em Toque de Inauguração do Ilê Axé Ojú Obá Agodô (Foto: Josimar Oliveira)



Figura 4 . Ekedys levando os pratos no Odun de Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu (Foto: Josimar Oliveira)

³. Ekedy é um cargo no candomblé para mulheres que não entraram em transe e ficam responsáveis por cuidar dos que entram em transe com o orixá, além de auxiliar em boa parte das ritualísticas.

Depois de decidir o tema deste projeto, tivemos duas atividades importantes relacionadas à divindade Iemanjá em que pude me aprofundar na observação do seu culto: o Odun de Mãe Thatinha e a Panela de 2023. Foi uma experiência enriquecedora, mesmo sem ainda estar completamente imersa nas ritualísticas, pude absorver e contribuir com o que estava ao meu alcance.



Figura 5 . Momentos durante Odun de Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu (Fotos: Niedja de Oliveira)

No primeiro dia de rituais do Odun de Mãe Thatinha, ocorreu um evento ainda mais íntimo e pessoal para mim. Após retornarmos de um ritual que marca o início desse processo (Figura 6), ao chegar ao barracão, senti uma leve perda de sangue. Como estava sentindo cólicas ao longo do dia, inicialmente pensei que fosse o início do meu ciclo menstrual. No entanto, as cólicas pararam e não houve mais sangramento. Ao chegar em casa, decidi fazer um teste de gravidez, confirmando assim a minha gestação. Esse momento foi ainda mais significativo devido ao início desse processo ritualístico com a minha mãe de santo, que é profundamente dedicado a Iemanjá, e pela forte conexão que ela possui com a maternidade. Isso reforçou ainda mais o meu desejo de dedicar este projeto à ela.



Figura 6 . Momento durante Odun de Mãe Thatinha de Yemanjá Sessu (Foto: Niedja de Oliveira)

Referente ao Zine

No que diz respeito ao zine, minha abordagem inicial não foi focada em artistas específicos, mas sim em materiais que se alinhavam com a visão que eu tinha para o projeto. A partir desse ponto busquei aprofundar meu conhecimento sobre os criadores desses materiais, procurando entender melhor que tipo de trabalho realizavam.



Figura 7 . Wanderlust - risograph zine (Reprodução: Behance)

Kata Kájel, atualmente é estudante no curso de Design Gráfico no Instituto de Artes Visuais em Eger, Hungria. É uma artista visual que se destacou aos meus olhos por sua abordagem inovadora, sua arte é um casamento entre o mundo analógico e digital, onde ela utiliza uma mistura harmoniosa de técnicas tradicionais e ferramentas digitais para dar vida às suas ideias. Em suas obras, ela cativou com uma expressão vívida de cores, formas e texturas, explorando uma variedade de temas entre paisagens imaginárias e retratos surrealistas. Trabalha em várias áreas do design gráfico como editorial e tipografia.



Figura 8 . ERÛ-IYÁ | Identidade e Expografia (Reprodução: Behance)

O projeto "ERU IYA: Identidade e Expografia" da artista Amanda Lobos, ou "Mais de um Lobo", capturou minha atenção devido à saudação a Iemanjá no título, o que me remeteu ao meu próprio trabalho. Nesse projeto Amanda me inspirou com a criação de uma identidade visual coesa que evoca uma sensação harmoniosa entre arte, cultura e design, através de uma combinação cuidadosa de tipografia e elementos gráficos.

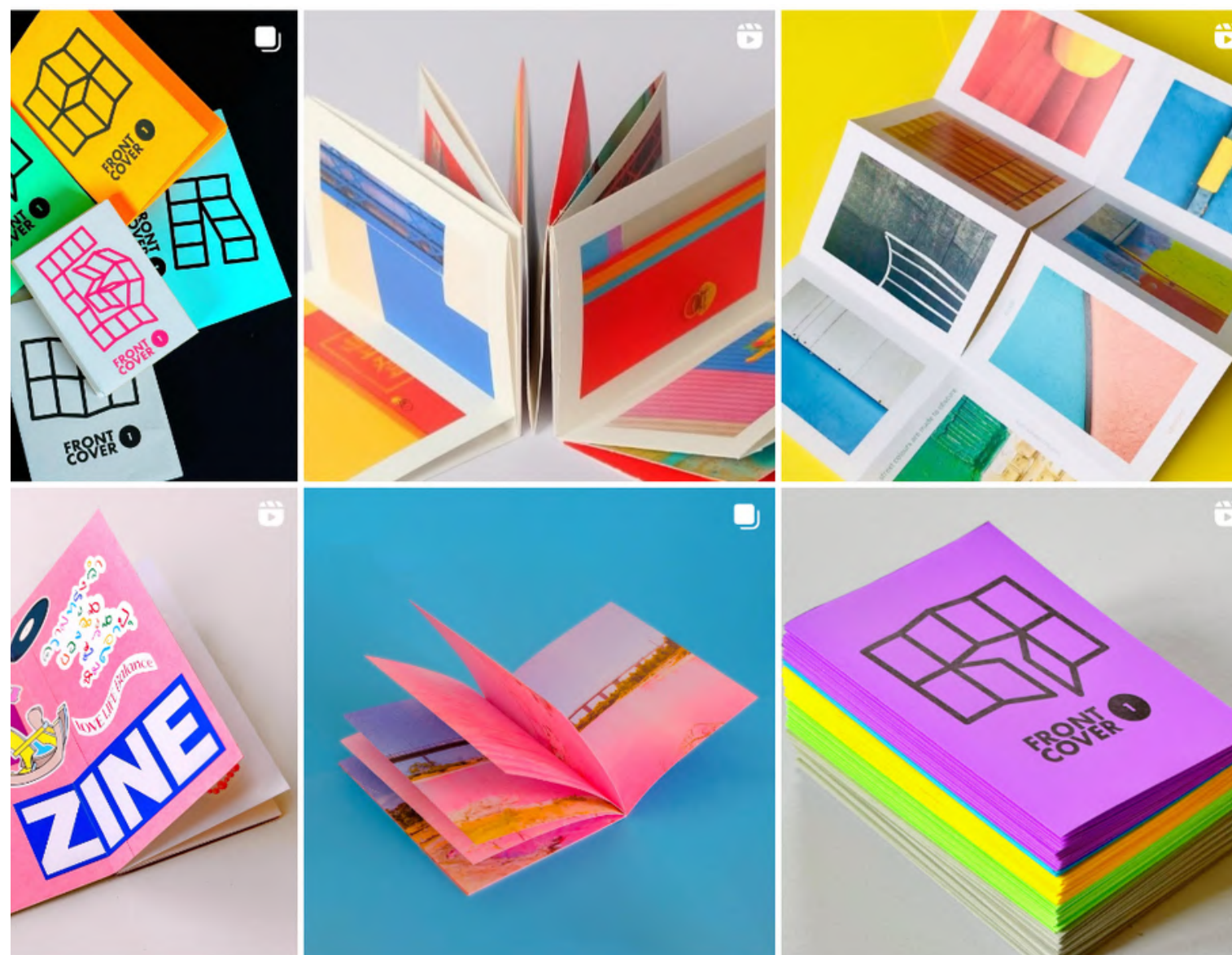


Figura 9 . Reprodução do feed do instagram de Tum Wuthipol.

Tum Wuthipol é um editor independente com base em Bangkok, conhecido por sua produção de livros, zines e fotografias para essas obras. Além disso, ele atua como curador da página no Instagram @aperturebroughtmehere. Seu trabalho destaca-se por oferecer uma visão do mundo urbano através de cores vibrantes, abstração geométrica e minimalismo. Essa referência foi compartilhada comigo pela orientadora e, a partir dela, utilizei uma das técnicas de dobra de zine apresentadas por Wuthipol em um dos vídeos de seu Instagram.



Figura 10 . Mãe d'água (Reprodução: Behance)

TO projeto "Mãe d'água", publicado em 30 de dezembro de 2023 por Rafael Paes na rede Behance, apresenta uma conexão direta com a temática proposta. Embora não seja possível acessar mais informações sobre o artista além de alguns de seus trabalhos, este em particular chamou minha atenção pela maneira como os efeitos escolhidos para manipular as imagens evocam a ideia do mar e da fluidez das ondas. As cores azuis destacadas também contribuem para transmitir claramente a imagem desejada.

Seleção e organização do conteúdo a ser aplicado

Após conduzir essa pesquisa de referências, selecionei cuidadosamente parte do conteúdo que considero aplicável, buscando simbolizar de forma mais eficaz a essência de Iemanjá. Optei por organizar o material em diferentes tópicos para oferecer uma visão abrangente sobre ela: um resumo geral, as oferendas dedicadas a ela e os elementos utilizados nessas cerimônias, sua música e toque, bem como sua conexão simbólica com a maternidade. Utilizando a plataforma online Canva, criei uma tabela (Figura 11) com as informações coletadas, enquadrei os elementos mais relevantes que poderiam compor as páginas do projeto, como instrumentos musicais utilizados em seus toques e os tipos de alimentos tradicionalmente oferecidos em seus presentes.

Conteúdo	Selecionados			
Zoelas	Omó omi èyin dà omó omi àwà rè èrù gègè omó rè ò	Filhos das águas, onde estão vocês? Filho da água, estamos aqui. Aqui estamos com nossa carga preciosa. (oferenda)	Yemoja dóde, àwòyó Dóde, Dóde, àwòyó	Yemoja veio, àwòyó
Oriki	Yemojá atara magba, Aiyàgbà ti gbe ibù omi, Yemojá igbé di oju onà, Yemojá m je oti pa gogo oju aka gba, Un gbo ni se oba ma kase, Yemojá un wo'lu iji lóbi , Un pe korò yi ilú kaa Àwoyo, awoyo je'le je l'odo, Iyà olo oyon oru ba, Fèrè obinrin aji fon ni lara oba, Obo de abi ni orun bi egbe isu fun, Oni laiye okun un bi enia san, Olokun arugbo, Obinrin pepe li gba eni gbe ilekile Ko je dahun ni ilè, Oju omi ni je ni koro, Àse.			
Resumo	A mãe dos orisas. esposa de Orisanta. No Brasil é a deusa do mar, da água salgada, enquanto na Nigéria ela é apenas a deusa de um rio. Altiva, de porte aristocrático, expressão facial algo velada, capaz de passar sem aviso da calma para uma explosão de violência, carrega uma certa melancolia no semblante, associada à distância posta pelo oceano entre o Brasil e a África.			
Animais de fundamento	Pata e peixe.			
Ervas de fundamento	Colônia e pata de vaca.			
Oferendas	Milho branco, milho branco com peixe (às vezes com alface), flores brancas, arroz branco, cebolas, manjar.			

Figura 11 . Tabela das informações selecionadas.



Figura 12 . Imagens coletadas em bancos de imagens.

Além desses conteúdos também foram selecionadas algumas imagens em bancos de imagens (Figura 12) dos animais, comidas, instrumentos, etc. E algumas fotos de momentos no barracão a qual pertencço, para tornar ainda mais pessoal este projeto. As fotos foram das panelas entregues em 2019 feita por Williams robert (Figura 13) e 2023 por Thaynan França (Figura 14) e um momento ainda mais particular quando em meio a uma ritualística particular em que estava pedindo bênçãos ao meu bebê, sozinha no quarto de santo, Iemanjá chegou e beijou minha barriga, imagem registrada por Thaynan França (Figura 15).



Figura 13 . Panela de Iemanjá de 2019 (Foto: Williams Robert)



Figura 14 . Panela de Iemanjá de 2023 (Foto: Thaynan França)



Figura 15 . Ekedy Niedja de Oliveira e Iemanjá (Foto: Thaynan França)

Em uma das páginas, optei por abordar as zoelas, buscando representar de alguma forma o toque associado a elas. Para isso, pedi que Manoel (ogã alge) criasse algo semelhante a uma partitura desse toque (Figura 16).

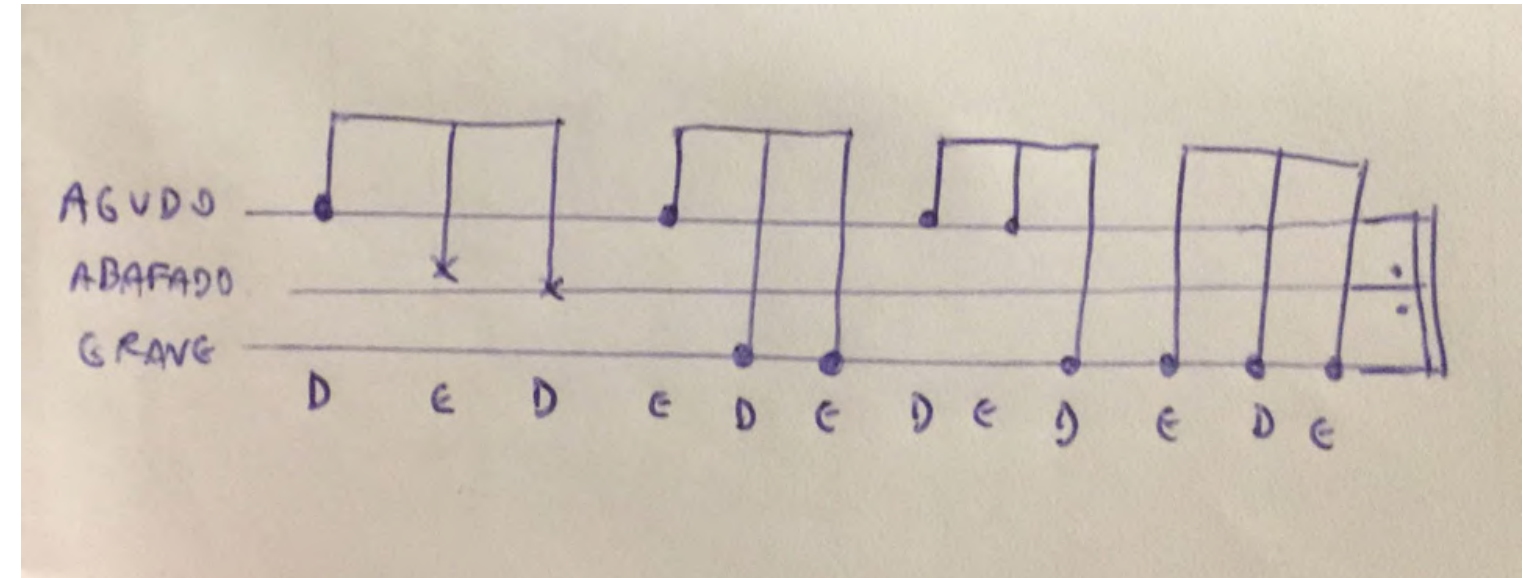


Figura 15 . Ekedy Niedja de Oliveira e Iemanjá (Foto: Thaynan França)

Em uma das páginas, optei por abordar as zoelas, buscando reproduzir de alguma forma o toque associado a elas. Para isso, pedi que Manoel (ogã algbe) criasse algo semelhante a uma partitura desse toque (Figura 16).

Estruturação das páginas

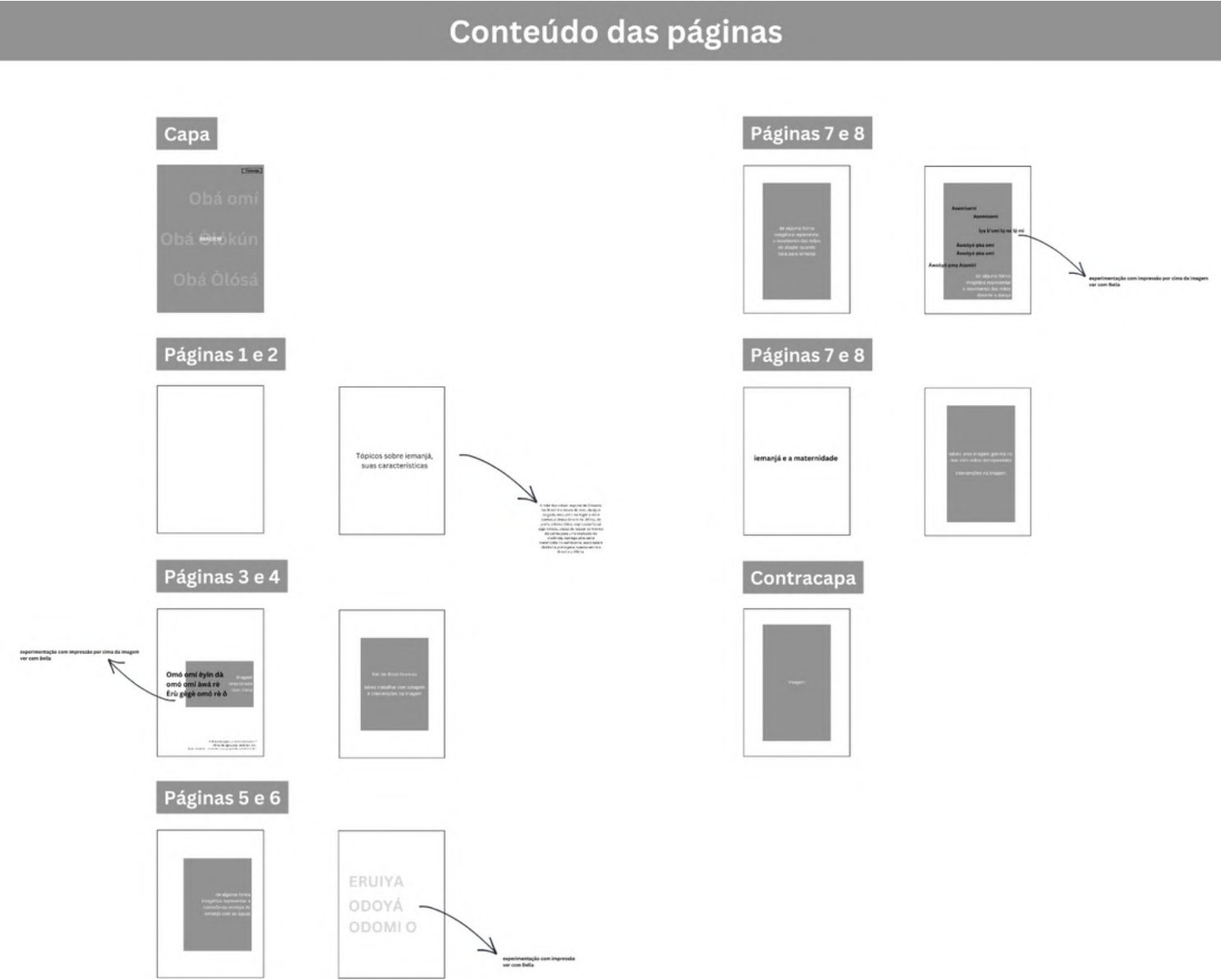


Figura 17 . Quadro criado no Canva simulando como seriam as páginas do zine.

Também foi sugerido que eu considerasse a forma de apresentar esse conteúdo, planejando com antecedência a disposição de cada informação selecionada. Inicialmente, organizei minhas ideias sobre a disposição das informações e uma prévia de como seriam as páginas utilizando um quadro de brainstorming no aplicativo Canva. Após dar o início a construção do zine em si essas informações foram refeitas. Decidi que o tamanho seria A5 (210x148mm) e o zine teria 8 páginas.

Experimentações gráficas

A partir dessa estruturação, comecei a experimentar os elementos das páginas, utilizando o Photoshop como ferramenta para essas explorações. Criei cada par de páginas de forma que se relacionassem entre si. Comecei com as páginas sobre oferendas e decidi que seria interessante aplicar um efeito de ondas ao texto do fundo, de uma maneira mais abstrata, sem necessariamente tornar o texto legível, mas dando a entender que é o mesmo texto que está presente na parte legível. Em uma das páginas, utilizei uma textura de milho branco como plano de fundo, que é uma das oferendas, e as imagens escolhidas também são caracterizam oferendas, como a pata e o peixe.



Figura 18 . Primeiras experimentações no Photoshop.

Continuei buscando correlacionar as imagens com o conceito reproduzido em cada página, procurando transmitir a ideia de fluidez associada a Iemanjá, considerada a mãe das águas. Levando isso em conta, decidi adotar uma paleta de cores monocromática, destacando o azul.



Figura 19 . Continuação das experimentações das páginas do zine.

Feedback

Após as experimentações imprimir uma versão e me reuni com alguns dos filhos da Casa das Águas para pedir algum feedback que considerassem relevante. Eles responderam que gostaram da forma como as informações foram apresentadas e, como não tinham opiniões técnicas a oferecer, expressaram apenas suas opiniões como apreciadores.



Figura 20 . A esquerda Ekedy Catarina de Oxum Yponda observando a boneca e à direita a boneca.

Produção da versão final para impressão

Após as experimentações e feedback recebido, finalizei a versão definitiva do zine. Infelizmente, devido a contratempos, não foi possível imprimir conforme inicialmente planejado em risografia. No entanto, uma versão a laser foi impressa para a apresentação à banca avaliativa. Para uma prévia visual, a figura 21 apresenta o arquivo da folha A3, que precisa passar pelos acabamentos de dobra e corte para chegar no tamanho fechado A5. Em seguida, apresento as páginas individuais.

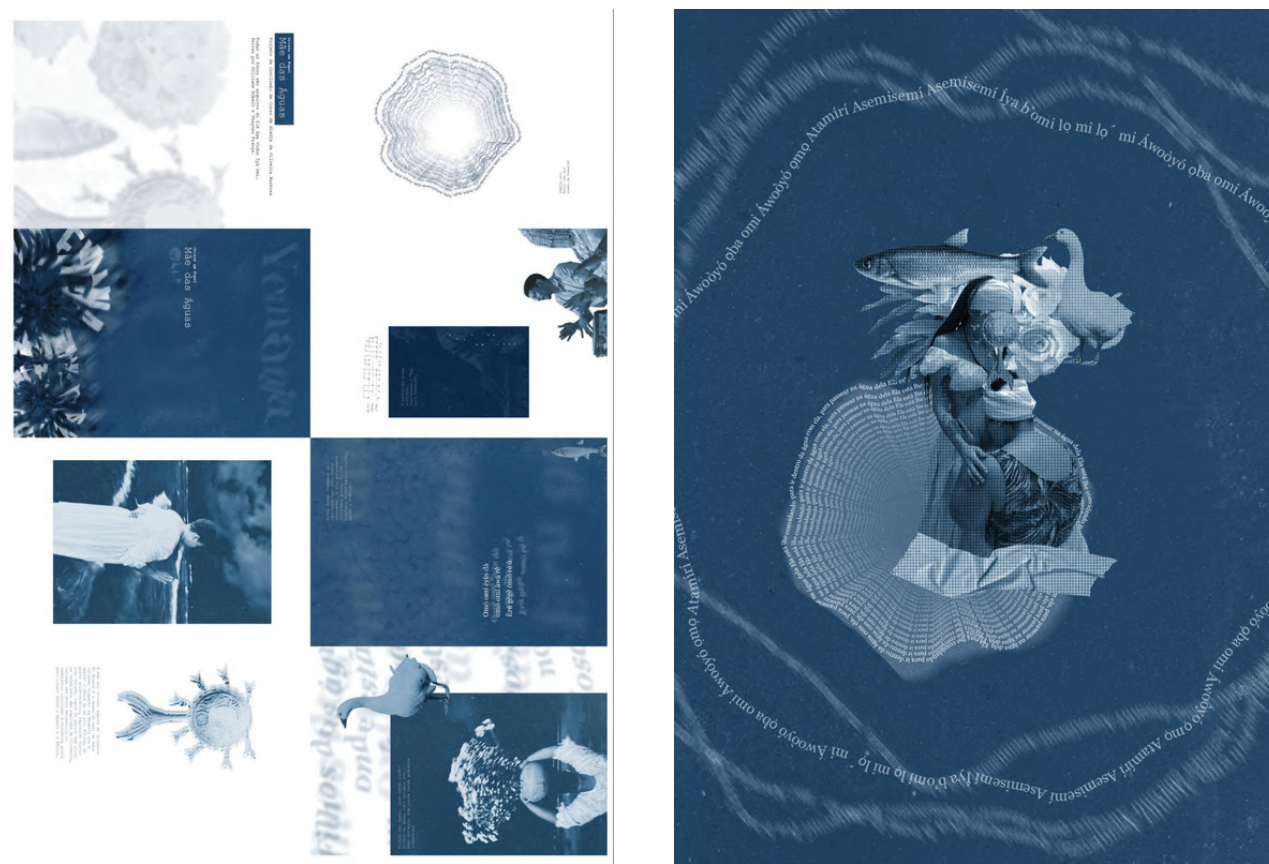


Figura 21 . Arquivo A3 frente e verso do zine “Orixás em Papel: Mãe das águas”.

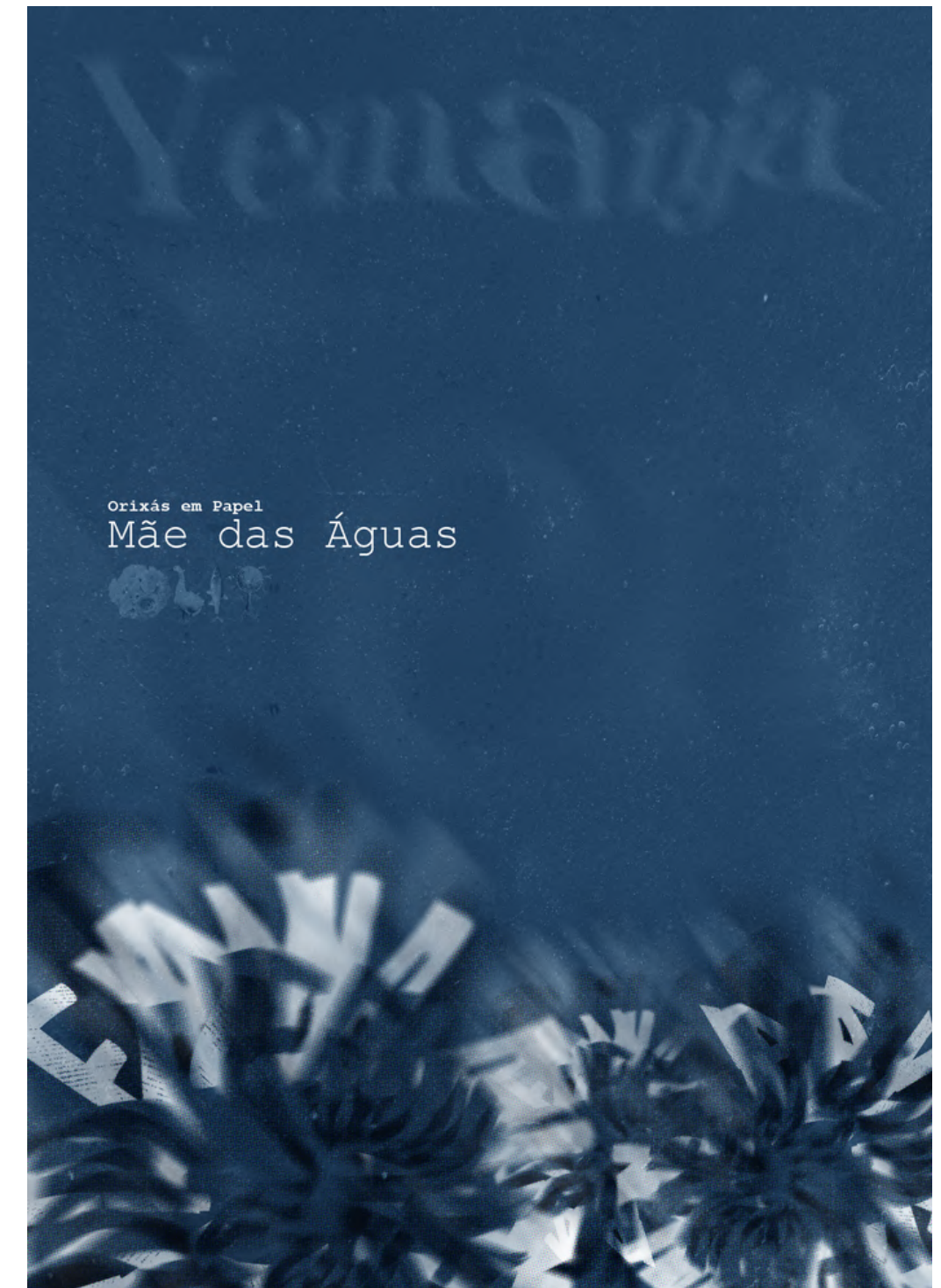


Figura 22 . Capa da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”



Figura 23 . Página 1 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”



A mãe dos orisas. esposa de Orisanla. No Brasil é a deusa do mar, da água salgada, enquanto na Nigéria ela é apenas a deusa de um rio. Altiva, de porte aristocrático, expressão facial algo velada, capaz de passar sem aviso da calma para uma explosão de violência, carrega uma certa melancolia no semblante, associada à distância posta pelo oceano entre o Brasil e a África.

Figura 24 . Página 2 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”



Figura 25 . Página 3 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”

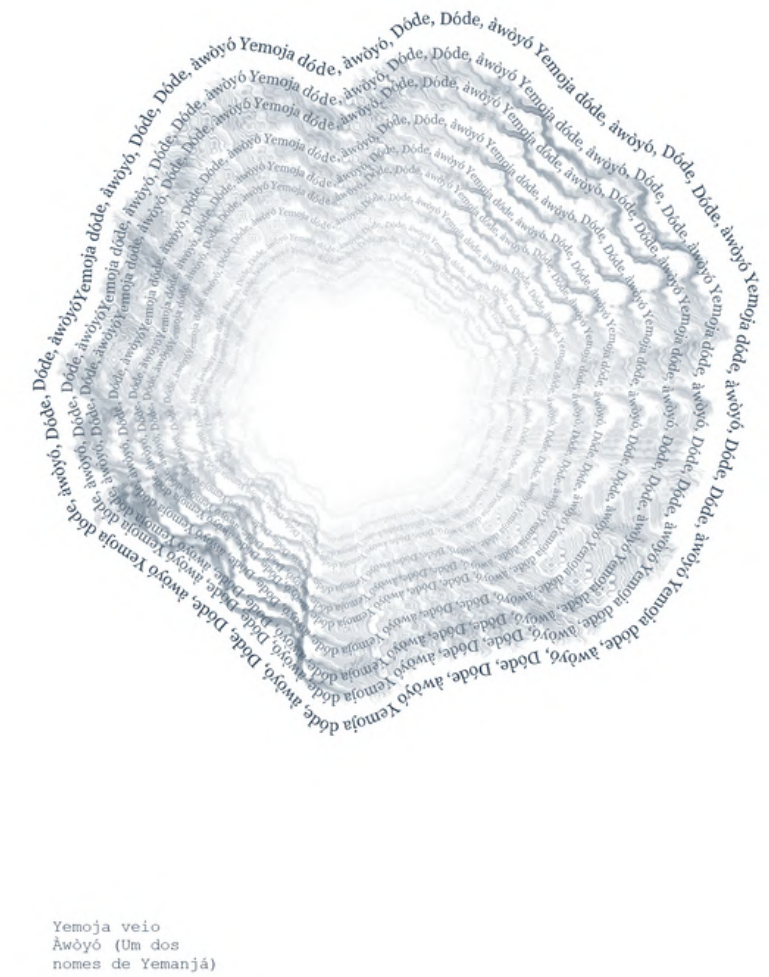


Figura 26 . Página 4 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”

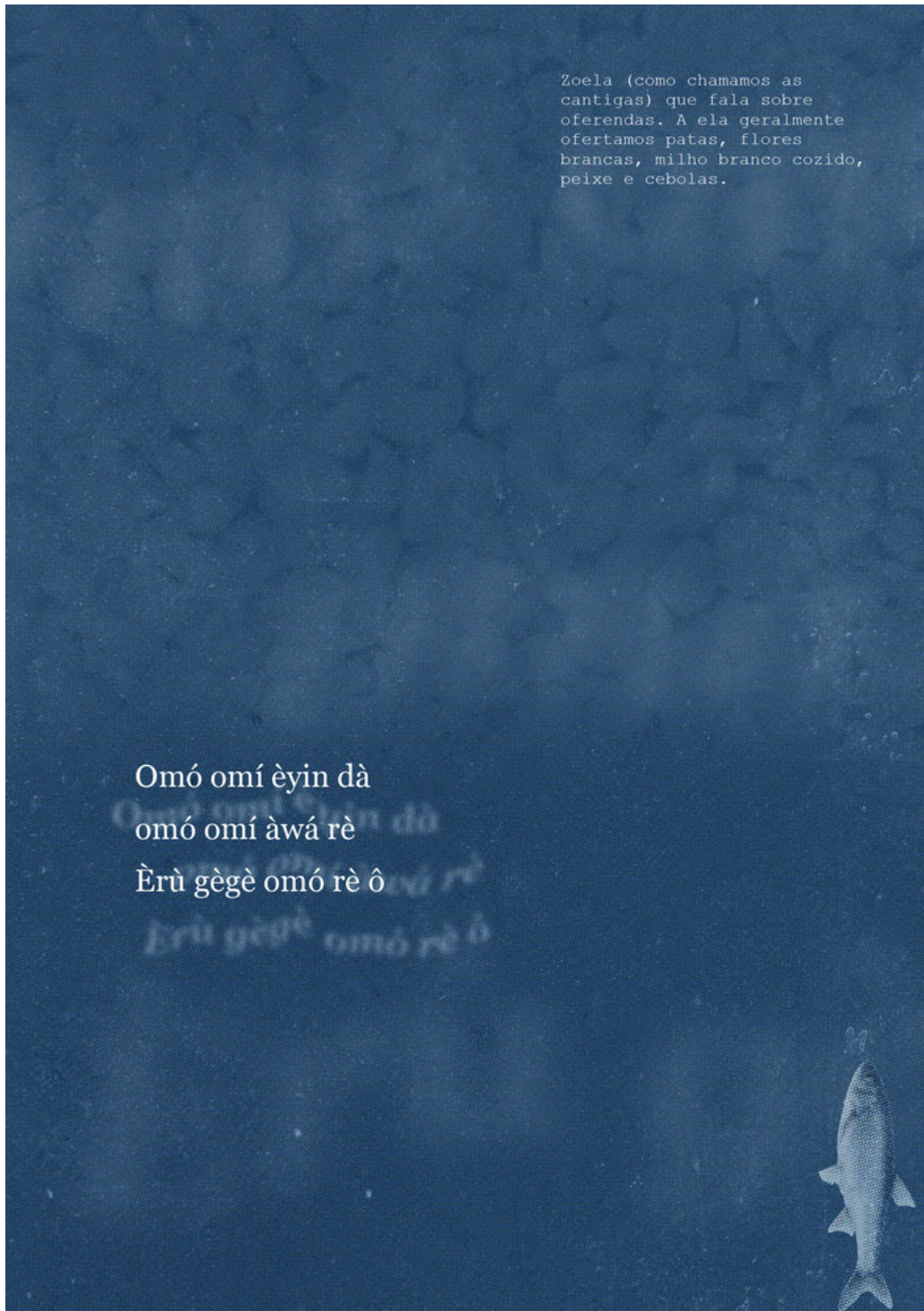


Figura 27 . Página 5 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”



Figura 28 . Página 6 da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”

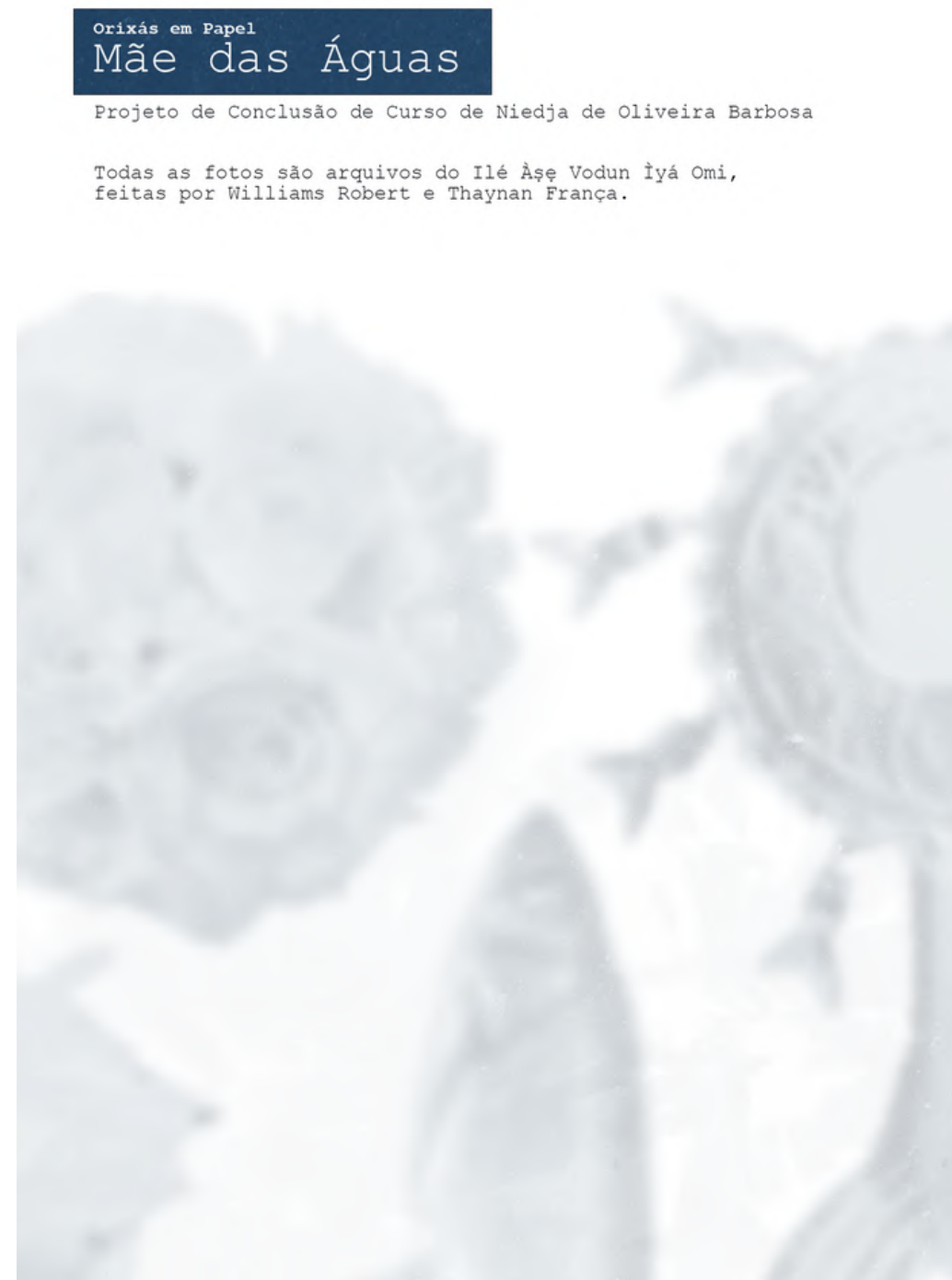


Figura 29 . Contracapa da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”



Figura 30 . Páginas da versão final do zine “Orixás em Papel: mãe das águas”

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, explorei o potencial do zine como meio de expressão pessoal e acadêmica, unindo minha vivência espiritual no candomblé com minha formação em design. Inspirada por Iemanjá, busquei traduzir de forma material e visualmente coerente as profundas sensações e simbolismos evocados por essa divindade. A pesquisa teórica, ancorada em obras de Leda Maria Martins e outros autores, proporcionou um embasamento sólido para entender a importância das manifestações culturais e artísticas na expressão da identidade individual e coletiva.

A escolha do formato de zine como veículo para este projeto não foi apenas uma questão prática, mas também uma decisão fundamentada na história e na natureza inclusiva e independente dessa forma de expressão. Assim como os zines históricos serviram como ferramentas de comunicação alternativa e resistência, este projeto busca transmitir uma mensagem pessoal e significativa, enraizada na minha vivência espiritual e cultural. Iemanjá emerge como a figura central neste projeto, não apenas como uma reprodução artística, mas como uma expressão viva de experiência espiritual e conexão pessoal.

Embora os desafios técnicos tenham impedido a impressão final do zine conforme inicialmente planejado, a versão digital é uma realização significativa. No centro deste projeto está a busca pela integração entre arte e espiritualidade, entre expressão individual e conexão coletiva. Por meio do zine, espero não apenas transmitir uma mensagem pessoal, mas também celebrar esta tradição cultural e espiritual afro-brasileira, honrando a divindade das águas e a profundidade de nossa jornada juntas.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José J. Cantos Sagrados do Xangô do Recife. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

COSTA, Manoel Victor Malaquias da. A orquestra musical ritualística do Candomblé. Teoria Antropológica I. UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em Ciências Sociais, Recife, 2018.

DONDIS, Donis A. A sintaxe da linguagem visual. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUPON, Paulo. A Criação do Zine: do Planejamento à Impressão. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

LINS, Anilson. Xangô de Pernambuco: a substância dos orixás segundo os ensinamentos contidos no manual do Sítio de Pai Adão. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LODY, Raul. O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. 356 p. ISBN 85-60156-09-7.

LUPTON, Ellen. Thinking with Type. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2004.

LUPTON, Ellen. Graphic Design: The New Basics. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARTINS, L. M. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Suzana. A Dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva do corpo. Salvador: EGBA, 2008.

MUNARI, Bruno. Design e Comunicação Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

OLIVEIRA, Henrique L. H. Experimentação Gráfica: A Importância da Prática Experimental para o Desenvolvimento do Designer Gráfico. Monografia (Bacharelado em Desenho Industrial) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES, p.49. 2010.

PORTEZANI, M. A. Zine Sucata: Um projeto alternativo com informações para permanecer atento em tempos brutos. Monografia (Design Gráfico) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. São Paulo-SP, p.31. 2018.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. Danças de matriz africana: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

